

ESCOLINHA DE AGROECOLOGIA COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO POPULAR E IDENTIDADE SOCIAL PARA A MULHER

Autora Suziane Hermes de Mendonça Soares

Instituição: Associação Salgado de Oliveira Educação e Cultura, e-mail: suzianehmsoares@gmail.com

Resumo

Este estudo se propõe a reconhecer o papel da mulher na agroecologia diante dos novos processos produtivos ensinados pela Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu-RJ voltados a atualizar o lugar do rural nas sociedades contemporâneas por meio da educação popular. Interessa identificar as estratégias adotadas pela escolinha de agroecologia para a dinamização e manutenção de modos de viver o meio rural, ao mesmo tempo que interessa identificar as possibilidades de trazer à visibilidade o espaço rural nas sociedades modernas com o protagonismo da mulher. Nesse contexto analisou-se a identidade social das agricultoras envolvidas no processo e na história da agroecologia da região.

Palavras-chave: ruralidade, educação popular, gênero.

Introdução

O trabalho apresenta-se algumas observações sobre o papel da mulher na agroecologia na cidade de Nova Iguaçu- RJ, ao verificarmos a existência de novas demandas que estão ocorrendo no meio rural, assumindo-se a agricultura agroecológica como uma delas, aos quais têm sido considerados estimuladores à emergência de novas ruralidades na sociedade contemporânea.

A pesquisa que é a fonte das informações aqui presentes não foi direcionada para discutir exclusivamente as questões de gênero, isto é, a questão de gênero está presente nas novas ruralidades e a partir dela se percebeu a pertinência de considerar mais de perto um conjunto de dados que direcionavam a situação da mulher agricultora familiar. Nas famílias tradicionais, a participação dos homens era predominante. Contudo, é neste segmento que se verificou como o papel da mulher tem sido representativo. Assim, o objetivo do trabalho é identificar as estratégias adotadas pela escolinha de agroecologia para a dinamização e manutenção de modos de viver o meio rural, ao mesmo tempo que interessa identificar as possibilidades de trazer à visibilidade o espaço rural nas sociedades modernas com o protagonismo da mulher.

A educação popular encontrada na Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu - RJ (EA) é apresentada como um território de reinvenção do modo como estamos vivendo e, portanto, de

transformação do mundo através da práxis, pelo fato de estar organicamente vinculada aos princípios da educação dialógica proposta por Paulo Freire (1982). Ficou evidente que a EA consegue alcançar a educação popular no estímulo e na criatividade, na valorização da mulher e na relação do ensinando e do ensinado, percebendo a mulher como ser histórico, da práxis, com um saber e visão crítica. Por valorizar o potencial da mulher e fomentar a experimentação, a capacidade de crítica e interação, transforma-se a educação numa possibilidade de construção do lado político, permitindo o questionamento das relações de poder da sociedade capitalista, enfatizando a igualdade e o compartilhamento de informações e ações.

Nesse cenário, a educação popular aliada às técnicas agroecológicas configura-se como um campo prático de questionamentos e debates sobre a necessidade de se efetivarem ações com a propriedade de políticas institucionais de efetiva inclusão da mulher em situação de vulnerabilidade social nos diversos espaços, percebendo a inclusão das agricultoras não apenas como garantia do acesso à informação mas a permanência da sua autonomia como cidadãs.

Educação popular aliada às técnicas agroecológicas

Em mundos diversos, a educação existe de formas diferentes: em sociedades tribais de povos caçadores, agricultores em sociedades camponesas, em países considerados desenvolvidos e nos países considerados periféricos, os tipos de sociedades, culturas. A educação pode ser considerada uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.

Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras de uma comunidade, os códigos de conduta, as regras de trabalho, a tecnologia, a vida do grupo a de cada um de seus sujeitos. Segundo Brandão (2001, p. 12), a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali sempre se espera, de dentro, o que sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros.

O controle sobre o que se ensina e a quem se ensina, de modo que, através da educação oficial, esta transforma-se em instrumento político e de poder. Ela ultrapassa a comunidade de que faz parte, e, se insere na estrutura de controle. O processo educativo tanto pode ser unitário quanto partido, podendo se exemplificada pela educação desigual entre classes. Brandão (2001, p. 103),

baseados em alguns pesquisadores, afirma que parte das classes subalternas conseguem criar e recriar uma cultura de classe, mesmo que aproveitando elementos das classes dominantes.

Eli da Veiga e Abramovay (1992) discutem o desenvolvimento como dependente da cultura:

Na medida em que a cultura implica a invenção de um projeto, este não pode se limitar unicamente aos aspectos sociais e bases econômicas, ignorando as relações complexas entre o porvir das sociedades humanas e a evolução da biosfera, na realidade, estamos na presença de uma co-evolução entre dois sistemas que se regem por escala de tempo e escalas espaciais distintas. A sustentabilidade no tempo das civilizações humanas vai depender da sua capacidade de se submeter aos preceitos ecológicos e de fazer um bom uso da natureza (ABRAMOVAY e VEIGA, 1992).

Quando em alguma parte setores populares começam a descobrir formas novas de lutas e resistência, eles redescobrem também velhas e novas formas de atualizar o saber. São lados de inovações pedagógicas, que provocam as reivindicações de trabalho e da própria escola.

A preparação para o trabalho tem aparecido insistentemente nos discursos educacionais oficiais dos últimos tempos também como preocupação da maioria dos educadores. O conceito de qualificação do trabalhador está ligado tradicionalmente ao domínio do ofício, ou seja, à combinação do conhecimento de materiais, técnicas e processos para o desempenho em determinado ramo da produção.

Quando pensamos na escola como local de qualificação profissional, deve-se considerar a falta de autonomia e independência da realidade histórico-social a que está inserida. A escola surge como parte integrante e inseparável do conjunto dos demais fenômenos que compõem a totalidade social.

Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu

A concepção e realização do curso de Agroecologia, denominada Escolinha de Agroecologia (EA) está sob atual responsabilidade da Comissão Pastoral da Terra (CPT), com apoio direto da EMATER Rio de Nova Iguaçu foi fundada em 2007, com o objetivo de possibilitar a construção de uma identidade e protagonismo do agricultor para o fortalecimento do movimento agroecológico a partir da aproximação com a temática da Agroecologia, e compreensão da necessidade de estabelecer um novo modelo produtivo no

campo e na cidade, resgatando assim valores e práticas culturais que busquem a conservação e preservação do meio ambiente.

A Escolinha procura trabalhar com conceitos básicos e incentivar a experimentação e a busca de soluções a partir da criatividade de cada agricultor participante. Isso faz com que cada um de fato se aproprie dos conhecimentos agroecológicos e seja uma testemunha de suas vantagens.

No Brasil, a formulação de questões da agricultura familiar e a busca de políticas para este setor estão associadas à noção de manutenção da família, da propriedade e da cultura. Esta noção cultural ideológica aparece também associada à noção de agricultura familiar. [...] a contemporaneidade ecológica adiciona mais um elemento o de gerar uma renda suficiente para manter a família e usar recursos naturais de forma sustentável (MOREIRA, 2015).

O que será apresentado nesta parte do capítulo são compilações entre o que foi relatado nas visitas à EMATER de Nova Iguaçu em 2015 e o que foi publicado na edição nº 1, denominada Agroecologia no Rio de Janeiro (2008), produzida pelo Encontro Metropolitano de Agroecologia. A iniciativa de promover a Escolinha de Agroecologia foi da CPT- RJ – Comissão Pastoral da Terra - Regional Baixada Fluminense, baseando-se em experiência similar desenvolvida na região norte do Estado do Rio de Janeiro.

Iniciou em 2007, em parceria com a Prefeitura de Nova Iguaçu. Sendo uma experiência alternativa construída pelos agentes da Comissão Pastoral da Terra (CPT), das comunidades de assentados e pelo Movimento Sindical dentro do modelo que se conhece desde 2008. Ao longo dos anos, as parcerias foram aumentando com a EMATER Rio fornecendo instrutores e compartilhando a coordenação com a CPT, cabendo à EMATER a coordenação técnico-pedagógica e à CPT a coordenação administrativa; a EMBRAPA Agrobiologia cede instrutores e recebe todos os anos os alunos da Escolinha para uma visita à sua fazendinha agroecológica experimental (Km 47 da Rio São Paulo em Seropédica - RJ); a PESAGRO Olericultura também recebe os alunos em visitas técnicas; a UFRRJ apoia a Escolinha cedendo ônibus para algumas visitas técnicas, além de instrutores; as Secretarias de Agricultura de Japeri e Queimados cedem suas kombis para o transporte de alunos; o MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – viabiliza as atividades da Escolinha através de apoio financeiro, assim como as ONGs e ASPTA – esta última, com participação também de instrutores. A Escolinha também se integra ao projeto de Banco Comunitário de Sementes de Adubos Verdes do MAPA (EMATER,2013).

O fortalecimento dos movimentos sociais, em particular dos movimentos ambientalistas, e das Organizações não-governamentais (ONGs) também contribuiu para redefinir o espaço de atuação da agricultura familiar e abrir novas oportunidades. Movimentos sociais e ONGs vocalizam uma parte das preocupações da sociedade com o meio ambiente, com a segurança dos alimentos e com questões de equidade que teriam dificuldade de se expressar no mercado de forma imediata (BUAINAIN, 2006).

A partir da experiência iniciada em 2005 em Campos dos Goytacazes nas dependências da Universidade Federal Fluminense foram realizados encontros com o objetivo de formação, sendo posterior transferida para o assentamento de Zumbi dos Palmares também na mesma cidade.

O modelo da escola popular de Campos foi a inspiração par o início do trabalho da Escolinha de Nova Iguaçu, também fundamentada na troca de experiências e no diálogo, ocorrendo um debate técnico e político a partir das experiências práticas em agroecologia. Na região da Baixada Fluminense há predominância de agricultores familiares, sendo que na área de abrangência da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu/RJ cerca de 50% são oriundos de movimentos de ocupação organizada, alguns gerando projetos oficiais de assentamento.

A Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu vem aumentando a abrangência de sua intervenção a cada ano. Em 2007 e 2008, ficou restrita a alunos do município de Nova Iguaçu, com predominância da comunidade de Marapicu. Atualmente sua abrangência ultrapassa o município de Nova Iguaçu. A primeira sede da EA foi em Marapicu, sua transferência para o Centro de Nova Iguaçu o que facilitou o acesso de interessados de outras cidades do Estado desde o ano de 2008.

Metodologia

A metodologia utilizada foi uma descrição das agricultoras participantes da EA, na contextualização breve das interdependências espaciais e temporais que estão incluídas no município de Nova Iguaçu. Para tanto, englobaram-se informações constantes no cadastro da EA arquivado pela EMATER, entre os anos de 2008 e 2015, somando as evidências empíricas relatadas pelos técnicos deste órgão para a construção de dados que complementam o caso estudado.

A coleta de dados foi complementada pela história oral coletada no Encontro da Articulação de Agroecologia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro em 06/08/2015; assim, é possível fazer

a representação do território pelos fatos históricos trazidos por agricultoras de Nova Iguaçu. O reconhecimento do saber popular estabelece uma relação que favorece o debate sobre a educação popular como metodologia na Escolinha de Agroecologia.

Resultados e Discussão

A Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu se destaca pela proximidade das zonas rurais com o que se determina zona urbana. Uma das ações municipais foi a implementação de feira da roça para os agricultores, ocorrendo uma vez por semana no bairro do Centro e dela participam boa parcela dos produtores de agricultura familiar da cidade. A agricultora tem a cada ano assumido mais unidades na referida feira como consequência do fenômeno encontrado e fomentado pela EA.

Depois da participação do relato de história oral é possível compreender que as mulheres são levadas à inserção no movimento histórico, ou seja, entendidas como sujeitos autônomos como aqueles que são capazes de reelaborar as determinações externas em função daquilo que define como sua vontade. Sader (1988) afirma que um novo sujeito político emerge quando uma matriz discursiva é capaz de reordenar enunciados ou articuladas de outro modo, logrando que indivíduos se reconheçam por novos significados.

Sob esse ângulo de análise, pode-se inferir que a superação da alienação e constituição de uma consciência crítica no terreno das mobilizações populares é, pois, o próprio processo de constituição desses movimentos como sujeitos coletivos autônomos, e só nessa condição é que têm significado no processo mais amplo de transformação da sociedade. Por outro lado, analisando de forma profunda toda a experiência da EA, compreendemos que para resgatar e construir uma identidade social à mulher agricultora é necessário que haja mudanças culturais e comportamentais. Tal mudança é difundida pela metodologia do curso de Agroecologia da EA de Nova Iguaçu, chegando a denominá-la como uma práxis da educação popular. O curso de agroecologia recria o conceito da agricultora, utilizando o espaço rural como símbolo significativo, referindo-se assim, ao conjunto de trabalhadoras que habitam neste território cercado por saberes. Na prática, as agricultoras precisam quebrar os preconceitos, no sentido de mudar a visão que a sociedade brasileira tem em relação a elas próprias e nesse contexto, elas mesmas na EA são estimuladas a entenderem o lugar social que são direcionadas e as possibilidades que podem ser alcançadas. A EA existente tanto para os assentamentos quanto para outros agricultores familiares, e tem contribuído

com a mudança de paradigma, resultando nas lutas por melhorias na vida rural. Concluímos com nossa pesquisa que a EA também foi marcada pelas negligências do poder público.

Segundo levantamento feito através da EMATER/Nova Iguaçu em 2015 com 469 fichas de inscrição da Escolinha de Agroecologia ente os anos de 2008 e 2015, podemos afirmar que 75% das unidades agrícolas são chefiadas por mulheres, 70% (328 cadastros) possuem escolaridade apenas até o nível fundamental, o restante do percentual possui ensino médio completo ou incompleto. Uma média de 65% (305) das agricultoras de Nova Iguaçu tem como única fonte de renda sua produção agrícola, 10% (47) são aposentadas, 20% (93) possuem outra fonte de renda para complementar sua produção como benefícios sociais e 5% (22) recebem auxílio de parentes. Com base nesta última informação podemos considerar Nova Iguaçu um espaço de multifuncionalidades no campo.

Conclusões

Ao assumir para si essa missão de melhorar a qualidade de vida das agricultoras da região, a EA incorpora em seu enfoque estratégico o desafio de promover transformações no meio rural com base nas iniciativas dos atores sociais coletivos organizados desde o âmbito local até o estadual, demonstrando a importância do apoio da Escolinha de Agroecologia no processo de transição agroecológica na região e sobretudo no percentual superior de mulheres na agricultura local.

A participação das agricultoras de tantas comunidades rurais diferentes está provocando não só a troca de saberes agroecológicos, como também a troca de experiências sobre associativismo e participação em conselhos municipais. As alunas da EA estão se apropriando, além de uma visão agroecológica, de uma idéia geral de território. Aproveitam todos os momentos possíveis para esta troca: intervalos, hora de almoço, hora de perguntas. Visitas entre alunas, fora do horário ou atividades da Escolinha, já se notam, tanto com objetivo de conagraçamento como também com o intuito de troca de serviços e apoio nas tarefas do sítio.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. Hucitec/Edunicamp/ANPOCS - São Paulo. 2012.

_____ e VEIGA, José Eli. Novas Instituições para o Desenvolvimento Rural: o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF).IPEA, 1992.

ACSELRAD, Henri e LEROY, Jean P. Novas premissas da sustentabilidade democrática. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, 1999.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 2007.

ARROYO, Miguel. Educação e Exclusão da Cidadania. In: BUFFA, E. ; ARROYO, M.; NOSELLA, P. Educação e Cidadania: quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo. Brasiliense, 2001.

BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H.; SILVEIRA, J. M. Agricultura familiar e condicionantes da adoção de tecnologias agrícolas. In: LIMA, D.; WILKINSON, J. (Org.). inovação nas tradições da agricultura familiar. Brasília, CNPq/Paralelo, 2002.

CARNEIRO, Maria Jose. Agricultores familiares e pluriatividades: tipologias e políticas. In: Costa, L.F.C. ; Moreira, R.J.; Bruno, R. (org.) Mundo rural e tempo presente. Rio de Janeiro. Mauad, 1999.

CANUTO, J. C.; SILVEIRA, M. A. da; MARQUES, J. F. O sentido da agricultura familiar para o futuro da agroecologia. Ciência & Ambiente, Santa Maria, v. 1, n.1, p. 57-63, 1994.

DELGADO, N. G. Papel e lugar do rural no desenvolvimento nacional. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2005.

EMATER/Nova Iguaçu. Engenheira Agrônoma da EMATER RIO. Documento de Sistematização da Escolinha de Agroecologia. Escritório local de Nova Iguaçu/RJ, 2013.

EMATER RIO. Relatório de Atividades. Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, P. Uma educação para a liberdade. Porto/Portugal: Textos Marginais, 1974.

_____. Conscientização: teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. Educação como prática de liberdade. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

GADOTTI, Moacir. Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez editora, 1989.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura Sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

KAYSER. La renaissance rurale; sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin, 1990.

MOREIRA, Ruy. Campo e Cidade no Brasil Contemporâneo. Conferência no simpósio: Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização. São Paulo: Agosto/2015.

PETERSEN, P. (Org.). Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2012.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. França. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, R. Human Territoriality: its theory e history. Cambridge: CambridgeUniversity Press, 2011.

SADER, E. Quando os novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo - 1970-1980. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

SCHENEIDER, Sergio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 18, nº 51, fevereiro/2003.